

UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA DA PERCEPÇÃO DO RIO PIRATINI NAS CIDADES DE PEDRO OSÓRIO E CERRITO - RS

ARLINDO AMÉRICO TAVARES MARTINS JÚNIOR¹; SIDNEY GONÇALVES VIEIRA²

¹ Universidade Federal de Pelotas – arlindomartinsjunior@gmail.com

² Universidade Federal de Pelotas – sid_geo@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

Ao opor-se à visão da lógica positivista do espaço, a geografia humanística, cuja abordagem focaliza o espaço enquanto lugar, tendo como base o estudo do indivíduo frente ao mundo, encontra sua fundamentação na fenomenologia e no existencialismo conforme elucida KOEZEL TEIXEIRA (2002). Nesta perspectiva, a geografia visa novas qualidades como subjetividade, sentimentos, experiências e simbolismos, acentuando o individual contraposto ao geral. O espaço adquire complexidade e se fragmenta, passando a ser tratado como “vivido pelas experiências humanas”. Assim, são ressignificadas categorias como “lugar” e “paisagem” que passam a ser problematizados em relação à objetividade e à subjetividade TUAN (1983).

Esta nova pluralidade de concepções acerca do espaço tem suas origens em RELPH (1979) que irá fomentar a discussão sobre a percepção dos seres humanos sobre o lugar e como ela contribui para sua transformação (KOEZEL TEIXEIRA 2002). Podemos assim, considerar que os diferentes tipos de espaços refletem a forma como o homem se relaciona com seu meio e permitem inferirmos que o meio constitui-se elemento importante no que tange os aspectos da representação e da percepção. Relph questiona o sentido que os sujeitos atribuem aos lugares através dos conceitos de lugaridade (placeness) e falta-de-lugaridade (placelessness).

Os municípios de Pedro Osório e Cerrito¹ estão situados na região sudoeste do Rio Grande do Sul tendo contado com formação étnica miscigenada². Comunidades simples e com baixo desenvolvimento local, tiveram, em suas histórias recentes, suas atividades históricas, econômicas³ e recreativas embasadas, sobretudo, no uso do Rio Piratini - bacia hidrográfica que separa as duas localidades.

Além de possibilitar a subsistência que aqueles que habitam suas margens essencialmente carecem, o rio também lhes significa perigo. Recorrentemente a população se vê ameaçada pelas inundações urbanas (TELLES, 2002), que atingem boa parte da população⁴ e do território rural e urbano dos municípios - conforme observado nos anos 1959, 1983 e 1992. Assim sendo, o Rio Piratini representa para os moradores de Pedro Osório e Cerrito uma ambivalência potencial: pode ser visto em uma complexa pluralidade de concepções individuais, singulares ou plurais que explicitam também o movimento da

¹ Pedro Osório foi emancipado pela lei nº. 3.735 em 3 de abril de 1959 e até 28 de dezembro de 1995, quando Cerrito também fora emancipado através da Lei nº. 10.656, abrangia ambos os territórios mencionados.

² Através dos guaranis, charruas, minuanos, espanhóis, portugueses, africanos, alemães e italianos.

³ A agricultura, a pecuária e a produção oleira.

⁴ Sobretudo aquela mais sujeita a vulnerabilidade social devido a fatores econômicos.

ancestralidade dos homens e sua relação para com a natureza, visto como a relação se dá de modo geral.

Elucidar variações destas concepções e interiorizações do referido lugar é o objetivo deste trabalho, que está inserido na área da interdisciplinaridade e que especula temas concernentes ao patrimônio cultural, histórico e natural – vistos sob a ótica da filosofia e da geografia alicerçando-se metodologicamente na fenomenologia da percepção e na taxonomia composta pelo geógrafo Edward Relph.

2. METODOLOGIA

Além de pesquisa bibliográfica e análise documental – que se resume a leitura de laudos geográficos e documentos de cunho histórico - o trabalho faz uso da história oral. São gravadas entrevistas em formato audiovisual que servem de instrumento para a compreensão da apreensão do lugar pelos moradores. Os entrevistados são selecionados, assim como os que já concederam entrevistas, obedecendo à premissa de declararem pertencimento ao lugar ou algum elo explícito com o tema, inserindo-se em um ou mais dos eixos temáticos abordados. As entrevistas são tomadas como fontes para a compreensão do passado e do presente, fazem parte de um conjunto de documentos de tipo biográfico, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral, através de questionário semi-estruturado. Diante da coerência da opção metodológica, THOMPSON (1988) defende que nos últimos anos, historiadores orais de vários países vêm desenvolvendo métodos e entrevistas que envolvem uma noção mais ampla das reminiscências e da identidade, e que sugerem novas maneiras de tirar o máximo proveito das memórias em benefício da pesquisa histórica e sociológica. Procuramos explorar reminiscências pessoais e memórias coletivas, entre memória e identidade e entrevistador e entrevistado.

A leitura desta construção humana permite compreender os homens e sua organização espacial, entendendo *mundo-vivido*, na visão husserliana, como o conjunto de coisas, valores, bens e mitos “inerentes a um mundo subjetivo” construídos na troca de significados (KOEZEL TEIXEIRA, 2002).

É notória a complexidade do problema. Cabe, aqui, que se ressalte a pretensão deste trabalho, que não visa explicar esta realidade em si, nem apontar seus agentes ou sua historicidade, mas sim, aludir a compreensão dessas múltiplas percepções a fim de salvaguardá-las. Assim, deve-se compreender a tipologia da apropriação do lugar vivenciada pelo sujeito através dos graus de interioridade que se expressam em sua experimentação. A seguir, a taxonomia proposta por Relph:

TIPOS DE IDENTIFICAÇÃO – EDWARD RELPH

| TIPO DE IDENTIFICAÇÃO | CARACTERÍSTICAS |
|---------------------------|--|
| Interioridade existencial | É o envolvimento mais profundo com o lugar. A pessoa se sente em casa, o lugar é experienciado irrefletidamente. |
| Exterioridade existencial | A pessoa se sente fora do lugar. Não há envolvimento, o lugar dá a sensação de alienação, de estranheza. |

| | |
|-------------------------------------|--|
| Exterioridade objetiva | Envolve um distanciamento deliberado. O lugar é como um objeto a ser estudado e pesquisado cientificamente. |
| Exterioridade incidental | Envolve a situação em que o lugar é apenas um pano de fundo, como quando a pessoa se encaminha a outro destino. |
| Interioridade comportamental | Quando se espera a ocorrência deliberada de um lugar, há um conjunto de elementos, vistas, marcos, que compõe um lugar novo. |
| Interioridade empática | Quando uma pessoa de fora mostra empatia com aquilo que o lugar registra como expressão dos que o criaram e nele vivem. |
| Interioridade secundária | A sensação de “segunda-mão”, de experiência indireta, a pessoa é transportada para o lugar via imagem, pintura, filme, mídia de massa. |

Fonte: adaptado de SEAMON, David. A singular impact: Edward Relph's Place and Placelessness. Environmental and Architectural Phenonology Newsletter, vol.7, N°3, outono 1996, p.5-8.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram produzidas 16 entrevistas com cessão de direitos de imagem e texto, abordando a problemática aqui esboçada e registrando as concepções e memórias dos moradores das localidades mencionadas acerca do lugar/paisagem referido. Também foi consumado momento de debate com alunos das turmas 81 e 82 da Escola Estadual de Ensino Fundamental e Médio Getúlio Vargas, onde os alunos utilizaram também de recurso textual para expressarem suas relações com o lugar/paisagem objeto desta pesquisa. Prevê-se que se realize em torno de 50 entrevistas que comporão a apanhado na íntegra. Posteriormente à questão da percepção, irar-se-á relacionar a temática com as questões inerentes as representações, pois, ao lado das representações da natureza e do homem encontramos as representações dos objetos, dos meios, das etapas e dos efeitos esperados das ações do homem sobre a natureza e sobre si mesmo que organizam uma seqüência de ações e legitimam o lugar e o status de seus atores dentro da sociedade. As representações é que explicam o quê, quando e porque se deve fazer nas relações materiais do homem para com a natureza GODELIER (1984).

Os referidos moradores apresentam em suas experiências cotidianas o alargamento do conceito de apropriação para com o Rio em seu território, transformando o em objeto de cultura através das atividades ali alocadas⁵ e também do seu significado “positivo” prevalente no imaginário coletivo enquanto espaço de memória e identidade, conforme observado nas entrevistas já realizadas. Através do recente apelo das comunidades predosoriense e cerritense pela preservação do rio e pela fiscalização da extração de seus recursos minerais e, aquém, sua revitalização é que surge a demanda necessária para a afirmação destes dados aqui projetados.

4. CONCLUSÕES

Nora (1993) compreende que, em certos lugares, a memória ganha tamanha atenção, por que é diante dela que tomamos consciência da quebra com o passado. Afirmativa corroborada por Huyssen, quando este diz: “[...] o enfoque

⁵ Seja para enquanto sociedade matar a sede dos homens e dos animais, seja para o banho, para a pesca ou para o tráfego de pequenas embarcações, para irrigar lavouras ou para fabricar tijolos, seja para enquanto indivíduo, refletir, contemplar a natureza, ou ainda para celebrar festividades regionais, municipais, religiosas ou familiares.

sobre a memória é energizado subliminarmente pelo desejo de nos ancorar em um mundo caracterizado por uma crescente instabilidade do tempo e pelo fraturamento do espaço vivido.” (2000, p.20). Sumariamente, conforme pauta Motta (2011, p. 280): Há uma correlação entre lugares, memórias, pessoas e grupos. Um lugar, de certo modo, é uma construção social resultante do enraizamento de um ou mais indivíduos num eixo espaço-temporal comum, que se converte em elemento fundamental para a construção de memórias e narrativas a emoldurar o passado, o presente e o futuro.

A problematização dos os conceitos geográficos aqui abordados é de importância axial para que possamos compreender a relevância que este lugar tem no imaginário destas comunidades possibilitando a inserção do diálogo da pesquisa científica com a demanda social, real e é, ainda, a possibilidade de dar visibilidade para um lugar e seus personagens e todas as suas vivências e memórias que compõe este substrato em que o lugar se transforma.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CANDAU, J. **Memória e Identidade**. São Paulo: Contexto, 2012.
- CARLOS, A. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: Hucitec, 1996.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978
- GODELIER, M. **LI'idéel et le Matériel. Pensée, economies, sociétés**. Paris: Fayards, 1984.
- HUYSSSEN, A. **Seduzidos pela memória**. Aeroplano, 2000.
- KOZEL TEIXEIRA, S. **As representações no geográfico**. In: Francisco Mendonça e Salete Kozel. (Org.). *Elementos de Epistemologia da Geografia contemporânea*. 20ed.Curitiba: Editora UFPR, 2002, v. 1, p. 215-232.
- MURPHY, J. **The voice of memory: history, autobiography and oral memory**. *Historical Studies*, vol. 22, n 87, outubro 1986, pp 157-75.
- NORA, Pierre. **Entre memória e história: a problemática dos lugares**. São Paulo: PUC-SP, 1993.
- MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes. 2006 (Texto original publicado em 1945)
- SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- TELLES, R. **Inundações Urbanas nos municípios de Pedro Osório e Cerrito**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.
- THOMPSON, P. **The voice of the past: Oral History**. Oxford: University Press, 1988.
- TUAN, Y. **“Humanistic Geography.”** In: *Annals of Association of American Geographers*. 66, (2): 266-276, 1976.